

O ESPÍRITO E A CRIAÇÃO

Maria de Lourdes Koerich Belli¹
Sandro Pereira²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal discutir o espírito encontrado no mundo, segundo uma visão aristotélica, com o verdadeiro Espírito de Deus. Seus objetivos específicos são entender o pensar teológico e ecológico, tomando por base o Espírito de Deus, e o que este espera de um bom relacionamento do homem com a natureza. Além de analisar a ação do Espírito de Deus junto à criação. Assim a problemática analisada foi: Como a teologia pode ajudar a ecologia? Para responde a essa problemática se pesquisou a obra de Welker (2010), além da utilização de trabalho de doutorado e artigo. Este artigo sinaliza que é preciso que a teologia e a ecologia busquem dialogar de maneira tal que ambas apontem para o princípio de que ser humano e meio ambiente se relacionam e isso faz ambos dependentes um do outro.

Palavras-chave: Deus; teologia; ecologia; ser humano.

ABSTRACT

This article has as main objective to discuss the spirit found in the world, according to an Aristotelian vision, with the true Spirit of God. His specific goals are to understand theological and ecological thinking, based on the Spirit of God, and what he expects of a good relationship between man and nature. In addition to analyzing the action of the Spirit of God with creation. Thus the problematic analyzed was: How can theology help ecology? In order to answer this problem, we have investigated the work of Welker (2010), besides the use of doctoral work and article. This article indicates that it is necessary that theology and ecology seek dialogue in a way that both point to the principle that human beings and the environment are related and this makes them both dependent on each other.

Key-words: God; theology; ecology; human.

¹ Pós-graduanda em Docência do Ensino Religioso pelo Faculdade Cristã de Curitiba. Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba.

² Mestre em Ciências da Religião pela UMESP(SP). Pós-graduado em EaD pela Facel. Pós-graduado em Pedagogia Social pela Facel. Professor na Faculdade Cristã de Curitiba.



INTRODUÇÃO

Este artigo tem como um de seus objetivos analisar questões relacionadas ao espírito do mundo em contraponto com o Espírito de Deus, partindo do pensamento aristotélico sobre o entendimento de Deus e analisando a teoria de Hegel.

No segundo capítulo parte-se para uma relação de teologia e ecologia, relacionando o Espírito e a criação na atualidade, mas a criação como um todo. Essa análise começa do pressuposto de que o mundo cresce de maneira desordenada e desregrada, onde uma massa mais favorecida se prevalece dos de menores posses e dita as regras para uma sociedade que jaz na injustiça. A natureza sem dúvida sofre com isso. Nesse capítulo procura-se analisar o homem antropocêntrico e a necessidade de rever esse conceito, fazendo com que natureza e ser humano possam conversar de forma adulta e civilizada, onde nem um nem outro se sobressai e sim que haja respeito entre ambos.

No terceiro capítulo trataremos da relação entre Espírito e ser humano, procurando entender esse relacionamento e apresentando os benefícios gerados por ele. O homem participante do espírito de Deus torna-se um homem liberto, e não um homem aprisionado como se pode pensar. Mostraremos como essa liberdade age, e o quão importante é para o homem manter um relacionamento efetivo com o Espírito.

1. O ESPÍRITO DE DEUS (PNEUMA) E O ESPÍRITO (NOUS) PRESENTE NO MUNDO OCIDENTAL

Há uma diferença significativa no entendimento de “espírito” no mundo ocidental do que é verdadeiramente o Espírito de Deus. Nesse primeiro tópico do artigo apresentaremos essa diferença, afim de que melhor se possa entender a relação entre o Espírito e a criação.

O mundo ocidental traz consigo a concepção de “espírito” obtida através dos filósofos Aristóteles e Hegel (WELKER, 2010,



p. 233), que remete ao “espírito” que testemunha a si próprio. Segundo Welker, “foram desenvolvidas formas mistas que identificaram o Espírito de Deus com o espírito dominante no mundo ocidental” (2010, p. 232). É preciso diferenciar esses dois espíritos, pois enquanto um “faz valer a si próprio” (WELKER, 2010, p.232) e “difunde contextos próprios individuais e comunitários no sentido da auto certeza, do ganho próprio e da constante progressão dessa relação própria a serviço da auto geração” (WELKER, 2010, p. 233) o outro não se apropria de si, “mas presentifica o crucificado, que se retrai a si mesmo e se doa” (WELKER, 2010, p. 233), permitindo que “pessoas de diversos contextos sirvam-se mutuamente para o que for melhor em termos recíprocos, e se fortaleçam umas às outras” (WELKER, 2010, p. 233)

Fica claro a diferença entre esses dois espíritos, enquanto um trabalha com o reconhecimento em si, o outro trabalha a doação, o serviço, o amor. O Espírito de Deus trabalha a finitude e transitoriedade (WELKER, 2010, p. 234), traz a verdade que liberta, limpa dos pecados, dá ciência do sofrimento causado e de uma vida eterna libertadora.

Segundo Welker, Aristóteles afirma que “Deus é Espírito” e explica da seguinte maneira que ao se afirmar que Deus é vivo, eterno e perfeito, isso significa que a vida e existência permanente e eterna dependem e estão sob a competência de Deus, pois essa é a essência da divindade. Ora pois,

a vivacidade de Deus é um pensar ativo que apreende o pensado, participa dele, se apropria dele, gerando, dessa forma, a si mesmo, tornando-se sensível e conhecido, relacionando-se consigo mesmo. Nesse pensar ativo que se projeta a si mesmo, que se torna seu próprio tema, nessa autorrealização do pensar, também nós pessoas participamos do Espírito divino, da vida divina, da autorreferência divina. (WELKER, 2010, p. 237)

Segundo o pensamento aristotélico, enquanto pessoas somos participantes do Espírito divino, da vida divina, o que de certa forma parece discordar da verdadeira essência do Espírito de Deus. Fato é que Deus se relaciona com sua criação, e a criação com o Criador, porém esse relacionamento não é algo tão simples, não se resume a um bem-viver, onde a realidade é reduzida. É um relacionamento muito mais amplo, onde não somente Deus tem consciência de si, mas a própria criação passa a se conhecer, ou seja, o Espírito de Deus revela a autoconsciência à criatura (WELKER, 2010, p. 242). Assim “pode-se concordar perfeitamente com a teoria de Hegel de que a realidade espiritual supera a si mesma, tornando-se possibilidade para uma realidade mais abrangente” (WELKER, 2010, p. 249).

A teoria de Hegel nos relata que:

O espírito não deve ser entendido só como autorrelação mental, mas também como **autogerar-se e transformar-se-a-si-proprio-em tema reais, materiais**; ele não deve ser compreendido só como **autorrelação** do indivíduo, mas também como a complexa autorrelação de um mundo histórico. Nesse sentido, espírito é o princípio comunitário verdadeiro e completo. O espírito pode, como formula a fenomenologia do espírito, ser determinado como “**eu**, que somos **nós**, e **nós** que sou **eu**.” (WELKER, 2010, p. 242)

Observa-se nessa teoria um relacionamento maior e recíproco entre o Espírito criador e sua criatura, com ela sai-se do relacionamento superficial para o relacionamento de troca, onde Criador é o “eu, que somos nós, e nós que sou eu”, relacionamento de troca, de reciprocidade. Onde o Espírito de Deus está diretamente ligado à sua criação, preocupado com ela. E esse mesmo espírito gera na criação uma ligação com ele, estabelecendo “uma comunhão humana real e união real em condições de vida reais, e que forma a natureza e a cultura” (WELKER, 2010, p. 243).



Pode-se afirmar que Hegel “supera a simplicidade da pneumatologia metafísica” (WELKER, 2010, p. 249), superando o entendimento de espírito e realidade, mas há muito que se pensar ainda a respeito dessa doutrina filosófica do espírito.

2. A RELAÇÃO ENTRE ESPÍRITO E CRIAÇÃO NA ATUALIDADE – UM PANORAMA ECOLÓGICO

Com o crescimento exagerado e desregrado sofrido pelo mundo ocidental, onde poderosos sobressaem aos menos favorecidos, detendo todos os direitos e executando pouco ou nenhum dever, podemos observar um mundo que jaz na desolação. O clima mudou radicalmente, a atmosfera está comprometida, o ar e a água contaminados. “O mundo parece estar destinado a morrer a morte por envenenamento e asfixia por culpa dos seres humanos” (WELKER, 2010, p.252).

O pensamento aristotélico está presente na humanidade, que por sua vez não acha necessário tal preocupação ecológica, pois vive o individualismo, o ter em primeiro plano do ser.

Hoje, os problemas ecológicos interpelam os fundamentos da civilização moderna. A crítica está sobre a compreensão do ser humano como centro e medida de todas as coisas, pois isso estabeleceu um distanciamento entre o ser humano e a natureza. (JUNIOR, 2008, p. 14)

O mundo hoje sofre as consequências de um pensar inadequado na idade média. O homem entendia que o mundo havia sido criado para ele, e que tudo o que o mundo tinha a oferecer, era inacabável, inesgotável. Não precisava se ter o cuidado devido com a natureza, e tudo o que ela podia oferecer, pois Deus havia de continuar a prover. E assim ano após ano, a natureza foi sendo degradada, o que levou a graves consequências sentidas hoje.



Essa problemática ecológica, diante da qual o mundo se encontra atualmente, atinge a teologia e lhe exige mudanças, pois suas nomeações e conceituações tradicionais acerca de Deus, do ser humano e do mundo foram questionadas, tornaram-se frágeis, não mais conseguem dar conta de uma aproximação à realidade. Por isso, Sallie McFague vai afirmar que nomes ultrapassados insistem em permanecer, e a teologia cristã, muitas vezes, se vale desses nomes anacrônicos e contraproducentes. Isso significa que, fazer teologia hoje, implica reconhecer que estamos inseridos em um mundo no qual tudo está relacionado reciprocamente, aquilo que McFague chama de “nova sensibilidade do nosso tempo. (JUNIOR, 2008, p. 15)

De fato, fazer teologia hoje deve relacionar o ser humano e o mundo onde ele está inserido. Cabe à teologia pensar soluções ecológicas, debater sobre elas e permear mudanças significativas no entendimento da relação homem natureza, Espírito de Deus e criação. Já que o pensamento que predominou por muito tempo, e ainda predomina, é o antropocêntrico, onde o homem está no centro de todo o universo, e esse foi feito para ele. É dado ao homem o direito de explorar e exercer seu poder da forma que melhor lhe condiz, mediante toda a criação de Deus. Desperta uma necessidade desenfreada de repensar e readequar tamanho erro.

A respeito do exercício de controle e poder sobre a natureza é possível dizer que “de modo mais claro, podemos afirmar que a modernidade é marcada por uma vontade de senhorio em querer sujeitar a natureza à razão e à vontade do ser humano” (JUNIOR, 2008, p. 23). Esse é entendimento que o antropocentrismo nos traz, totalmente equivocado, mas ainda praticado.

Também não se pode aceitar como definitivamente correta uma outra vertente ecológica que destaca a natureza em primeiro plano, “enquanto que o ser humano é reduzido a um elemento entre os demais seres que habitam o universo” (JUNIOR, 2008, p.



23). Pois com ela estaremos cometendo um erro que se iniciou no passado, onde a natureza toma o lugar de seu criador. Tudo na natureza é relacionado com deus, uma ideia panteísta.

Necessário se faz, encontrar um ponto de equilíbrio, onde nem homem, nem natureza estejam no centro, mais sim que o Espírito de Deus alce um equilíbrio entre ambas, e que essas possam ser revistas e repensadas segundo os desejos desse Espírito. Pois

quando pessoas são conduzidas para dentro dessa comunhão acaba para elas e por meio delas seu isolamento como indivíduos fracos, consumistas corruptos, intoxicados com os meios de comunicação de massa e publicamente inexpressivos. (WELKER, 2010, p. 254).

Assim é notória a mudança causada pela ação do Espírito de Deus. Ele chama a conscientização por meio da fé racional, do entendimento de mundo como uma parte que é usada, porém dividida com o todo. Cabe à teologia pensar e oferecer respostas às questões ecológicas, tomando em conta sempre a ênfase do Espírito de Deus.

3. A AÇÃO DO ESPÍRITO DE DEUS MEDIANTE À CRIAÇÃO HUMANA

O Espírito de Deus está presente na criação desde o início de tudo. E cada vez mais ele se relaciona com a mesma de forma clara e objetiva. Segundo Welker, “pelo espírito Santo foi e é construída a igreja real e verdadeira, a igreja ecumênica, presente em todas as épocas e transcontinental” (2010, p. 255). Porém o espírito de justiça, da misericórdia, do autorretrimento em amor, o espírito da libertação de coações autodestrutivas, o Espírito da vida válida de forma alguma só atua e pode ser notado nas igrejas visíveis. Ele está presente em muitos segmentos religiosos e seculares.



Afirmação essa que pode assustar alguns adeptos religiosos, principalmente os que entendem que a presença do Espírito está ligada a sua denominação religiosa. É preciso romper barreiras e entender que sim, o Espírito Santo pode, e se manifesta em diversos segmentos religiosos, mesmo onde a religião não está presente. A manifestação do Espírito não está atrelada às pessoas, religião ou credo, o Espírito de Deus é livre, e pode se fazer presente na sua criação como um todo.

Fato é que sua manifestação não igrejas é sem dúvidas muito mais fácil de ser reconhecida (WELKER, 2010, p. 254), mesmo que essas estejam ocupadas pela “autopreservação ‘carnal’, corrompidas pelo espírito ocidental e tolhidas por muitas formas de fraqueza de ânimo” (WELKER, 2010, p. 254). Assim devemos entender o Espírito Santo, segundo Welker, como pessoa, porém como *pessoa pública*. Isso não delimita sua ação, ao contrário o torna acessível a toda criação.

O Espírito de Deus não aprisiona, ao contrário gera uma liberdade, e essa liberdade conduz à presença de Deus, assim fica possível experimentar a presença de Deus enquanto criatura. A relação do Espírito Santo vai além de sua presença, ele também perdoa os pecados e cria vida (WELKER, 2010, p. 266), “ele conduz às pessoas libertas do poder do pecado – elevando-as e iluminando-as- à *válida realidade* de comunhão dos vivos e dos mortos” (WELKER, 2010, p. 267). Vale ressaltar que

a libertação do poder do pecado pelo Espírito de Deus não conduz a um novo início vazio, a um ponto zero indeterminado, mas a uma renovação da vida escravizada, que não tem amor para dar nem para receber, que se encontra necessitada de muitas maneiras. (WELKER, 2010, p. 267)

O Espírito que liberta do pecado, proporciona uma renovação de vida, o que torna o indivíduo uma nova criatura, mediante às novas possibilidades que esta encontra em viver de maneira liberta do pecado que escraviza. Se há vida no Espírito e



por consequência a libertação dos pecados, a morte passa a não significar fim e sim um começo para uma nova vida. Para Welker

a vida ressuscitada é a vida que está determinada e capacitada para a percepção e o reflexo não deturpados da presença de Deus, e que por essa razão, não mais pode ser colocada em dependência de situações e condições do mundo que não lhe são simultâneas. (WELKER, 2010, p.269)

O que coloca o participante na vida do Espírito em não conformidade com os prazeres e a luxúria que o mundo tem e oferece, e o faz atuante junto aos que necessitam conhecer os benefícios da libertação desses que pecados que o Espírito oferece. Uma vez cheio do Espírito, as mudanças são passadas a fazer parte. Quanto mais cheio do Espírito, mais a contramão do que o mundo sem o Espírito tem para oferecer.

Essa ação do Espírito Santo na vida gera intimidade com Deus. Essa intimidade com Deus é algo que se pode ser sentido, vivido, e segundo Welker, “essa experiência não pode ser confundida com uma relação mística inexprimível, obscura” (2010, p. 271), e sim deve ser sentida e vivida como uma relação familiar, pois quanto mais o Espírito atua, maior a intimidade de relação com Deus que ele proporciona, assim fazendo com que se torne conhecida a “ação bondosa e justa de juízo e de salvação às pessoas” (WELKER, 2010, p. 267) do mesmo modo que permite ao indivíduo “conhecer-se a si próprio e enquadrar-se em seus mundos relativos dentro dessa ação” (WELKER, 2010, p.267).

Ação do Espírito implica em relacionamento sério com Deus, de conhecimento, de descoberta e acima de qualquer coisa de autoconhecimento, autorreflexão. As experiências com o Espírito não oprimem, não aprisionam, não geram poder nem tampouco violência. São experiências sentidas de mudança de posicionamento, de mudança de ideias, de atitudes, que geram crescimento, edificam e libertam.



Segundo relata Welker, “ o Espírito de Deus ajuda as pessoas justamente nessas grandes tensões e incertezas” (2010, p.273), seres humanos são rodeados de tensões e incertezas e é parte integrante do espírito de Deus o auxílio em momentos cruciais do ser humano. É esse Espírito que traz à luz a percepção de Deus em meio a criação, segundo discorre Welker. E é fundamental compreender que esse “Espírito fortalece, consola e ilumina as pessoas” (WELKER 2010, p. 273), assim o Espírito de Deus é uma força que salva e liberta as pessoas (WELKER, 2010, p. 275). Mais uma vez vale afirmar que não aprisionamento com o Espírito de Deus, e sim liberdade, mas liberdade com conhecimento da atuação de Deus.

A atuação do Espírito gera justiça, “sendo essa justiça indissolúvelmente ligada ao estabelecimento da misericórdia, à inclusão progressiva dos mais fracos, à renovação constante do direito em prol dos fracos” (WELKER, 2010, p. 276), o Espírito de Deus não condena e sim exerce a justiça, principalmente a justiça entre os que mais necessitam dela. Justiça é direito concedido pelo Espírito.

Assim podemos concluir que é visível a presença e atuação de Deus mediante o Espírito para com sua criação. E esse Espírito foi dado como forma de ligação direta com Deus, mediante relacionamento sério com Deus, que por sua vez gera transformação e mudança de vida, proporcionando ao indivíduo chegar a mais profunda intimidade com Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a atuação do Espírito na criação é fácil de ser notada, quer seja ecologicamente falando quer tomemos como tema o ser humano. É uma relação de intimidade, profunda, pura e verdadeira relação essa que gera mudanças significativas, desde o modo como o indivíduo encara o mundo à sua volta bem como mudança de atitude e de vida.



A teologia precisa traçar meios de debater mais profundamente às questões teológicas ligadas a ecologia, partindo de um novo pressuposto de que meio ambiente e ser humano devem interagir entre si, e este último deve zelar e cuidar do meio onde vive, excluindo assim a ideia de que a natureza está a serviço do homem, e trabalhando com a pressuposição de que a natureza não está acima do homem, que este não é apenas mais um entre as criaturas, e sim que ambos se completam. Um homem imerso no Espírito saberá dialogar de forma correta e coerente com questões ecológica.

O homem cheio do Espírito é o homem que zela pelo meio ambiente, que se faz participante da criação, mas não com sentimento de pertença e sim com sentimento de responsabilidade. Este tem a consciência que é norteado pelo poder gerador de Deus através da presença do Espírito.

O ser humano que entrega sua vida ao Espírito é o ser humano que relaciona de forma positiva e única com o mundo, faz parte do mundo, mas ao mesmo tempo não está no mundo (não é de acordo com o que o espírito do mundo oferece, e sim está ligado no verdadeiro Espírito criador), não sofre influência do meio e sim transforma o meio no poder de atuação do Espírito.

É o Espírito de Deus que efetiva as transformações, gera mudanças, alicerça meios e estrutura o homem, para que esse suporte as pressões e opressões encontradas no espírito do mundo, com a certeza que aqui tudo é passageiro e que a morte será apenas o começo de uma vida que transbordará o Espírito e que iniciará a colheita de uma felicidade dantes não experimentada.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Nova Versão Internacional (NVI). Santo André, SP: Geográfica, 2009.

_____. **Bíblia Sagrada**. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. Edição Revista e Atualizada (ARA).

JÚNIOR, Josias da Costa. **O Espírito criador. A ecologia na teologia trinitária de Jürgen Moltmann**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para o Programa de Pós-Graduação em Teologia Sistemático-Pastoral. Rio de Janeiro. 2008. Arquivo disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp081775.pdf>, acessado em 04/12/2015 às 14:00 hs.

LIMA, Adriano Souza. **Michael Welker e a Teologia do Espírito Santo: Contribuições para a Pneumatologia Pentecostal Brasileira a Partir da Obra “O Espírito De Deus - Teologia Do Espírito Santo”**. Artigo publicado nos Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST, 2., São Leopoldo. 2014. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/viewFile/344/253>. acessado em 04/412/2015 às 15:00hs

WELKER, Michael. **O Espírito de Deus: teologia do Espírito Santo**. EST/Sinodal: São Leopoldo, 2010.

